

LEITURA ACADÊMICA: DIFICULDADES E CAMINHOS NA PERSPECTIVA FREIREANA

Gardner de Andrade Arrais
Aluno do Mestrado Acadêmico em Educação PPGE/UECE.

Jarles Lopes de Medeiros
Prof. Ensino Fundamental I. Graduado em Pedagogia UECE.

Resumo

Este trabalho objetiva identificar dificuldades de leitura, suas causas e implicações na aprendizagem e as estratégias utilizadas para superar. Apresenta reflexões, a partir da teoria de Paulo Freire, sobre a articulação entre leitura, escrita e construção do conhecimento; constrói uma concepção de leitura consonante com a realidade; propõe modos e ferramentas e relaciona os níveis de conhecimento com a aprendizagem. Como metodologia de pesquisa utilizamos um processo de metacognição das estratégias de leitura e construção do conhecimento. Obteve-se como resultados que o processo de leitura e construção do conhecimento é subjetivo e depende de estímulos. Existem inúmeras dificuldades e estratégias de leitura, que funcionam para uns e para outros não. Como conclusão é preciso que cada qual elabore reflexões sobre os seus processos de aprendizagem, de leitura, de escrita e de construção do conhecimento. É preciso considerar os processos metacognitivos, além dos cognitivos e motivacionais.

Palavras-Chave: leitura, conhecimento, metacognição.

Introdução

Discutir o processo da leitura acadêmica é o objetivo principal deste trabalho, mas desejamos fazê-lo à luz da teoria de Paulo Freire acerca da leitura e da construção do conhecimento. Decidimos explorar algumas obras do autor e extrair do seu pensamento algo que respondesse a questão da pesquisa: como se caracterizam os processos de leitura e produção escrita dos alunos do curso de Pedagogia e como estes interferem na construção do conhecimento e na formação docente? Esta questão é objeto do projeto intitulado Interferências da Leitura na Construção do Conhecimento e na Formação Docente. Este projeto é continuidade de um anterior que buscava saber como se dava o processo de leitura e construção do conhecimento dos alunos do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará.

Identificar as deficiências em leitura e escrita dos alunos na universidade, fazendo com que eles percebam e desenvolvam os seus pontos fracos e conquistem autonomia não é tarefa fácil e exige uma análise das várias dimensões da relação do aluno com o conhecimento científico. A universidade não pode deixar de perceber esta tarefa, pois a construção do conhecimento científico depende das relações de ensino e aprendizagem, desde a graduação.

Com o intuito de traçar um panorama geral dessas dificuldades e entender como se dá o processo de leitura acadêmica de um grupo de alunos do Curso de Pedagogia da UECE, bem como traçar caminhos rumo a uma aprendizagem significativa, que afete diretamente o ser social aprendente, superando as dificuldades, desenvolveu-se nos anos de 2007 a 2011 o projeto supracitado.

Este artigo apresenta alguns resultados dessa pesquisa. Para tanto, analisamos as transcrições dos arquivos de áudio que foram gravados nos encontros do grupo de pesquisa, no qual os membros deram depoimentos sobre o seu processo de leitura, suas dificuldades, como se percebem nesse processo de compreensão leitora e da escrita. A partir da análise dos dados, apresentamos elementos para reflexão a partir da teoria de Paulo Freire, sobre a articulação entre leitura, escrita e construção do conhecimento, identificando problemas e apontando caminhos a partir da concepção freireana.

Inicialmente, faremos uma breve descrição do que encontramos em cada obra e os caminhos percorridos para encontrarmos as concepções de leitura e escrita na teoria de Paulo Freire, bem como os caminhos apontados por ele para a superação das dificuldades no enfrentamento dos textos acadêmicos. Em seguida, discutiremos acerca de alguns pontos que foram mais relevantes no diálogo com a teoria investigada, como a necessidade de uma leitura contextualizada; os problemas advindos da dicotomia entre leitura e escrita; a relação entre teoria e prática no processo de construção do conhecimento, dentre outros. Ao final apresentamos algumas maneiras de superar as dificuldades com a leitura e a escrita acadêmicas apresentadas por Paulo Freire, que estejam de acordo com as análises metacognitivas que desenvolvemos com o grupo de alunos em referência.

1. Embaixo da mangueira, no chão de terra, conheço

Atualmente, vive-se uma busca acelerada por informações, que nem sempre transformam-se em conhecimento que resulta de uma atividade elaborada na relação de diálogo entre o indivíduo e o mundo. Esse conhecimento, do qual falamos, ganha cada vez mais espaço e prioridade em nossa sociedade. O conhecimento científico torna-se restrito e fragmentado, dividido em diversas áreas que nem sempre se articulam.

A escola cede cada vez mais espaço para o conhecimento fragmentado, técnico, muitas vezes sem articulação entre as áreas e com a realidade circundante, alheio ao indivíduo. O professor transmite o conhecimento de acordo com a sua especialização, sem

fazer ligações com outras áreas. O aluno recebe tudo como um depósito, intimidado no seu desejo de expor as suas ideias e sua incompletude. Não há espaço para contestações nem para diálogos.

Esse distanciamento entre o programa da disciplina e a realidade, entre teoria e prática, torna a educação em um ato de programar, de inculcar ideias e cercear a criatividade. A dimensão política, humanizante é anulada. Paulo Freire, referindo-se à necessidade de considerar o educando em uma realidade em constante transformação (dando-se) assevera:

[...] não tomar a realidade dando-se, do educando dando-se nela, é para mim uma coisa terrível, é unilateral, é autoritário de novo. E tenho também a impressão de que esse distanciamento, ou melhor, esse autoritarismo do ato de programar, essa não-consideração da realidade dando-se do educando (...) é o centralismo, contra o que Anísio (...) tanto lutou na educação brasileira. (FREIRE, 1982, P. 74)

Na universidade é onde essa descontextualização fica mais nítida. O conhecimento torna-se um conhecimento *dado*, não sendo construído em parceria com o aluno, quando deveria ser um conhecimento que vai *dando-se*. Há uma dicotomia entre ensino e pesquisa, entre teoria e prática. O aluno chega à universidade com seus vícios de linguagem, com suas maneiras de lidar com o conhecimento construído no seu processo de escolarização. “Um dos equívocos (...) desde o começo mesmo da experiência em que as crianças ensaiam seus primeiros passos na prática da leitura e da escrita é tomarmos esses processos como algo desligado do processo geral de conhecer.” (FREIRE, 2006, p. 36)

É preciso, então, buscar a diversidade de formas de construção do conhecimento, considerando a elaboração mental um processo individual, influenciado pela forma como o sujeito foi educado.

2. Em busca dos processos de leitura e construção do conhecimento

Partimos de uma constatação da pesquisa anterior de que existe uma grande dificuldade na leitura e, principalmente, na escrita do grupo de alunos participantes da pesquisa. Essa deficiência é fruto de uma educação escolar que fragmentou os saberes, onde leitura e escrita eram dicotômicos.

Esse aluno é carente de autonomia intelectual. Ele chega impregnado de estratégias de estudo que nem sempre são eficazes. Acaba por reproduzir as maneiras de lidar com o conhecimento aprendidas na escola. Nesse sentido, refletir sobre os seus próprios processos

de enfrentamento do texto acadêmico, analisando suas estratégias de aprendizagem é primordial na criação do hábito de leitura e escrita. Aprender como se aprende. Nesse sentido, utilizamos o termo *metacognição* para definir o processo de conscientização dos sujeitos sobre seus próprios conhecimentos e sua capacidade de compreensão e manipulação de suas habilidades intelectuais.

A metacognição exerce influência em áreas fundamentais da aprendizagem escolar, tais como, na comunicação e compreensão oral e escrita e na resolução de problemas, constituindo assim, um elemento chave no processo de aprender a aprender. (VALENTE, SALEMA, MORAIS & CRUZ, 1989 apud RIBEIRO, 2003, p. 110).

A escola passou a ideia de um mundo estático, de uma história da humanidade escrita linearmente, na qual os fatos já aconteceram e que a modificação da realidade é impossível. Esse aspecto da educação formal bloqueia a capacidade criativa dos alunos. “A criança cedo percebe que sua imaginação não joga: é quase algo proibido, uma espécie de pecado.” (FREIRE, 2006, p. 48-49)

Desta maneira, o conhecimento já está pronto e acabado, dentro de um livro, à espera de alguém que o leia, sem margens a interpretações. A interferência do leitor deve ser mínima. Essa concepção de conhecimento traz prejuízos enormes à formação do homem, à sua autonomia e criticidade. Não queremos dizer com isso que entender o autor e perceber o que o autor está dizendo não seja importante, mas, de acordo com Freire (2006), como leitores não podemos ser acomodados e esperar que tudo venha pronto no texto, que o autor explique tudo a todo momento. A coisa não pode vir feita e pronta. A compreensão do texto não pode vir estática, imobilizada no texto, à nossa espera. É preciso que nos entreguemos ao texto, não podemos desprezar a nossa subjetividade. A leitura, a inteligência do texto, é uma composição entre o leitor e o autor.

O aprendiz busca naquele que ensina o conhecimento antes aprendido e o que ensina reaprende ao descobrir as incertezas, acertos, equívocos. Nesse sentido, são necessárias algumas predisposições no ensinante: humildade e abertura para repensar o pensado; envolver-se com a curiosidade do aprendiz; o processo de formação deve ser contínuo e permanente, o que envolve estudar. “A responsabilidade ética, política e profissional do ensinante lhe coloca o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade.” (FREIRE, 2006, p. 28)

O grupo de alunos pesquisados são alunos em formação para o exercício profissional da docência. Observando os dados da pesquisa empírica, percebemos que embora se tenha consciência que existem estratégias de leitura sistematizadas por alguns autores, há uma certa particularidade dos alunos ao utilizá-las. O que parece ser o melhor caminho para alguns, se torna inviável para outros. O participante 1, por exemplo, disse que não consegue seguir todas as dicas de leitura que os autores indicam. E essa argumentação foi unânime entre os participantes.

De acordo com Paulo Freire (2006), o ato de ler e estudar exige coragem, disciplina e autonomia por parte do leitor. Ler exige compromisso, honestidade consigo mesmo e com a leitura. Sabemos quando não entendemos ou quando não temos segurança do que lemos. E a honestidade é o ponto de partida para uma leitura crítica. Devemos saber nossos pontos fracos e fortes na leitura, no processo de construção do conhecimento. A partir daí, podemos criar e seguir estratégias de estudo.

Existem dicas de como ler adequadamente que alguns autores sugerem. Mas, não existe uma maneira pronta e acabada, cada indivíduo tem suas particularidades, suas próprias estratégias. A participante 2 da pesquisa só consegue compreender um texto quando lê em voz alta. Esse método diverge das indicações de alguns autores, mas nem por isso deixa de ser eficaz para ela. Ler em voz alta é inviável para a maioria dos componentes do grupo, mas esta participante consegue êxitos.

Desta afirmação da participante 2 surge uma pergunta: como saber se a minha estratégia é mais eficaz que outra se eu não experimentar outras formas de estudar, de ler? A resposta a esta pergunta é: experimentar, testar novas maneiras de realizar a leitura, de relacionar-se com o texto e com o conhecimento.

Alguns só conseguem entender o significado do texto quando grifam ou rabiscam o texto. Outros, via de regra, não rabiscam nem grifam. A participante 3 só consegue ler o texto “à prestação”, em partes, dificilmente na íntegra, ao contrário de alguns participantes e do que muitos autores sugerem.

A participante 4 declarou que só consegue entender o texto quando transcreve com sua própria letra, após fazer um resumo. Embora esse método possa parecer demorado, ela só consegue apreender as ideias do texto dessa maneira. Enfim, são inúmeras as estratégias que se adequam às necessidades de cada um.

Fica clara a afirmação de Freire (2006) sobre a importância do leitor assumir o papel de sujeito diante do texto. Essa atitude não pode ser imposta por ninguém. É uma conquista pessoal, que exige disciplina e honestidade. Com isso, o próprio leitor consegue com mais propriedade analisar e identificar se sua capacidade de resposta está além ou aquém do texto. De acordo com essa capacidade, ele pode utilizar determinadas estratégias para conseguir o êxito, ou seja, entender o texto.

Estudar seriamente um texto é estudar o estudo de quem, estudando, o escreveu. É perceber o condicionamento histórico-sociológico do conhecimento. É buscar as relações entre o conteúdo em estudo e outras dimensões afins do conhecimento. Estudar é uma forma de reinventar, de recriar, de reescrever – tarefa de sujeito e não de objeto. Desta maneira, não é possível a quem estuda, numa tal perspectiva, alienar-se ao texto, renunciando assim à sua atitude crítica em face dele. (FREIRE, 2002, p. 11).

Paulo Freire (2006) sugere alguns caminhos para a conquista da compreensão do texto, como por exemplo: consultar material extra, tais como dicionários, enciclopédias, outros textos; pedir ajuda de terceiros, não só do professor como de amigos. Deve-se utilizar esses recursos, tornando-os um hábito, a tal ponto que estudar sem essas estratégias se torne difícil.

Em seu livro *Ação Cultural para a Liberdade*, Paulo Freire aponta a postura crítica indispensável ao ato de estudar, que requer de quem estuda: a) Que assuma o papel de sujeito deste ato: não se pode ser passivo, um memorizador das ideias do autor. Deve-se perceber o condicionamento histórico-sociológico do conhecimento produzido. Estudar é recriar, reinventar, reescrever. Deve-se ter uma visão global do texto e depois voltar-se às partes. Perceber o núcleo central do texto e suas temáticas que serão selecionados pelo interesse do leitor. Não se deve trair o pensamento do autor. Deve-se estar predisposto à busca. b) Que o ato de estudar, no fundo é uma atitude em frente ao mundo. Estudar é um ato político. Deve-se aproveitar as oportunidades de discussão com outras pessoas sobre o estudado. Construir fichas de ideias. c) Consultar a bibliografia complementar. d) Assumir postura de diálogo com o autor. e) Que estudar demanda humildade. Colocar o texto como um desafio. Reconhecer a necessidade de melhor instrumentar-se quando encontrar dificuldade com o texto. Não passar para a próxima fase se não compreendeu a primeira. Compreender um texto é trabalho de paciência.

Independente das estratégias, o que não se pode fazer é recuar diante do desafio, diante do primeiro embate. Freire (2006) argumenta que muitos cometem esse erro e elenca

três deslizos que geralmente ocorrem no processo de leitura difícil: a) fugir ao primeiro embate e acusar o autor de incompreensível; b) dizer que entendeu o texto sem por a prova; c) não se concentrar na leitura. Nesse momento identificamos, na leitura dos textos de Paulo Freire, a discussão sobre o papel da autoestima no processo de apropriação do texto.

Não é incomum o estudante deparar-se com o medo do difícil. Diante de um texto que não entendemos ou que julgamos de difícil compreensão, tendemos a abandoná-lo na primeira oportunidade. Reconhecer o medo e aceitá-lo, a fim de enfrentá-lo, é muito delicado, é tarefa difícil. Normalmente, as pessoas preferem não demonstrar suas fraquezas, principalmente quando diz respeito à baixa autoestima. No mundo acadêmico é comum percebermos esses medos. Estudantes, com um potencial intelectual florescendo, ao mesmo tempo em que se deixam bloquear pelo medo, insegurança e baixa autoestima. A maioria sofre em silêncio, perdendo oportunidades, com vergonha por se sentirem fracos, incapazes, acorrentados e limitados aos próprios medos. Paulo Freire diz que isso é um estado de espírito que precisa ser mudado, e que a mudança parte de dentro do indivíduo, e não de fora, e que, mais uma vez, é uma atitude de autonomia, de autoconhecimento, de honestidade e até mesmo disciplina, que poderia receber o auxílio da escola.

Segundo Paulo Freire (2006), primeiramente o leitor deve perder o medo de ler e adquirir uma disciplina intelectual. Desistir nunca! Se não entendemos algo, e queremos muito entender, devemos juntar esforços e procurar entender. Não se pode permitir que o medo e a insegurança intelectual faça com que desistamos do desafio de compreender o texto sem nem ao menos tentar. Mapear e analisar os próprios medos e inseguranças é um passo. Verificar se tais sentimentos são reais ou imaginários, e, com isso, tentar perceber o que se tem a favor de si. Feito isso, é possível analisar quais são as chances de vencer o desafio.

Nesse momento, devemos buscar as estratégias de leitura e a subjetividade na construção do conhecimento. Cada um vai ser o sujeito do processo de leitura e conhecimento. Essa atitude não poderá nunca ser doada por ninguém. O que o leitor não pode é ficar paralisado ou recuar diante do medo e para isso utilizará as estratégias de leitura de acordo com sua conveniência.

Constatamos em nossa pesquisa que o ambiente físico no qual nos encontramos no momento da leitura pode ser fator condicionante de um entendimento crítico do texto. Para muitos leitores a presença de ruídos (como músicas, conversas paralelas, trânsito etc.) torna a compreensão leitora difícil. Para alguns impossível. Nos dados coletados, isso fica evidente

nas palavras de alguns membros. O participante 5 evita fazer leituras em “[...] lugar barulhento, com muita gente conversando, eu procuro não fazer isso. [...] Eu prefiro não me submeter a uma leitura de texto acadêmico nesse tipo de ambiente”. A esse respeito o participante 1 disse:

“Também não consigo me concentrar numa leitura com um ambiente tendo interferência de um som ou de uma música. Acontece de eu me concentrar quando um texto me chama mais, aí sim, pode ter o barulho que for que não interfere.” (Participante 1)

Como pode ser verificado na segunda parte das palavras do participante 1, esse incômodo sonoro durante a leitura é relativo, subjetivo. Dependendo do interesse que o leitor tem na leitura ele pode não se incomodar com o ambiente. Mais uma vez podemos observar o caráter subjetivo e próprio que existe nesse processo, o que funciona para uns é inviável para outros. Nesse sentido, podemos verificar outras falas:

“O celular é um canal que interrompe todo o meu pensamento. Uma pessoa falar comigo não me incomoda muito, mas uma ligação do celular me perturba totalmente.” (Participante 5)

“Eu já peguei algumas leituras que eu me envolvi tanto que podia até cair uma bomba atômica, eu não tava nem aí.” (Participante 1)

No livro *Sobre Educação: diálogos*, Paulo Freire dialoga com Sérgio Guimarães sobre as relações entre os meios de comunicação e a escola. Para ele o tempo dos meios de comunicação como a televisão é diferente do tempo dos textos escritos. O primeiro é mais rápido, exige menos concentração, menos esforço. No entanto, a história tem mostrado a hegemonia da cultura letrada. Mas de que forma os veículos midiáticos interferem na leitura como parte do processo de construção do conhecimento? Um dos aspectos é visto na fala dos participantes. As interferências geralmente vêm dos veículos midiáticos em massa.

Um exercício crítico sempre exigido pela leitura e necessariamente pela escuta é o de como nos darmos facilmente à passagem da experiência sensorial que caracteriza a cotidianidade à generalização que se opera na linguagem escolar e desta ao concreto tangível. (FREIRE, 2006, p. 30).

Entender os níveis de leitura é essencial para a compreensão do processo metacognitivo de leitura, na conquista da compreensão leitora. Mais uma vez a questão da subjetividade está presente, uma vez que as experiências de vida com a leitura influenciarão na compreensão do lido. Paulo Freire (2006) diz que, muitas vezes, para se entender um texto tem que se recorrer a leitura de um texto anterior, ou reler o mesmo texto, ou, ainda,

relacionar com conhecimentos preexistentes. Na análise de dados, podemos observar isso nas palavras de alguns participantes:

“(...) eu observei que eu procuro associar o que eu tô lendo com algo que eu já conhecia, com algum conhecimento preexistente”. (Participante 3)

“Algo que eu procuro fazer também é essa relação com o conhecimento prévio”. (Participante 5)

“(...) Semana passada eu peguei um texto em que fiz duas leituras (...) e quando foi na terceira que eu fui perceber que tava indo pela tangente na leitura do autor. Tava tão explícita que eu não tinha percebido nas duas leituras que eu tinha feito (...) Ai eu fiquei pensando: será que faltou maturidade leitora para eu não ter percebido isso?” (Participante 1)

“Os textos acadêmicos para as disciplinas, se a professora vai trabalhar o texto amanhã, eu faço uma leitura prévia hoje, eu li e entendi. Quando começa a discussão, meu Deus, ou eu não entendi nada, ou é porque a discussão vai muito além do texto, e muitas questões ficam muito mais abertas para mim.” (Participante 3)

Em outros pontos, os participantes falam sobre sua evolução intelectual, quando se comparam trabalhos escritos do passado com os da atualidade.

“Eu peguei um texto que escrevi do segundo semestre, para ver como a [professora] corrigia, para ver como ela gosta do espaçamento... ridículo total (...) eu me critico muito.” (Participante 2)

“Isso acontece por causa das novas aquisições que a gente passa a ter. O que a gente escreveu, o que a gente pensou, o que a gente fez antes. Meu Deus, que besteira. Mas besteira por que a gente tem outras coisas, tem novos paradigmas, tem outras coisas.” (Participante 3)

“[...] infelizmente a maturidade só vem com o tempo (...) E a experiência de vida? E as suas experiências e as suas vivências? É isso que vai fazer com que você tenha um outro olhar sobre o que você via e não via.” (Participante 1)

A partir dessas clarificações, podemos recorrer às ideias de Paulo Freire (2006), quando ele diz que o medo do difícil, de não compreender o texto (muito comum na universidade) está relacionado à capacidade de resposta do leitor. A compreensão do que se lê tem a ver com a relação entre o nível do conteúdo do texto e o nível da atual formação do leitor. Ele diz que quando a distância entre esses dois níveis é muito grande, a compreensão do lido se torna difícil.

O leitor crítico que busca entender o texto precisa assumir a posição de sujeito diante do texto. Identificar suas limitações para superá-las. Identificar se sua capacidade de

compreensão, sua capacidade de resposta está além ou aquém do texto. Se estiver aquém, cabe ao leitor, sujeito de seu processo de conhecimento, buscar outras fontes, outros textos, enciclopédias, dicionários, outras opiniões, enfim, subsídios que permitam uma compreensão do lido. Ele fala da necessidade de revisitar as leituras. As estratégias de leitura são muito pertinentes nesse momento.

Não é exagerado repetir que ler, como estudo, não é passear disponívelmente sobre as frases, as sentenças e as palavras do texto sem nenhuma preocupação em saber onde elas nos podem levar. (FREIRE, 2006, p. 46).

Com esta discussão podemos verificar a relevância do exercício metacognitivo durante a formação do profissional pedagogo e não só dele, mas daqueles que trabalham com o conhecimento científico. Compreender as dificuldades e descobrir como superá-las.

Considerações finais

Para Freire um dos grandes equívocos do ensino está na dicotomização entre leitura e escrita e que esses processo fazem parte do processo geral de conhecer. Ele sugere o exercício da escrita pelo menos três vezes por semana e faz uma ressalva:

O que não é correto, porém, é esperar que as transformações materiais se processem para que depois comecemos a encarar corretamente o problema da leitura e da escrita. (...) A leitura crítica dos textos e do mundo tem que ver com a sua mudança em processo. (FREIRE, 2006, p. 38)

Outras sugestões são oferecidas por Paulo Freire a fim de superarmos as dificuldades com o texto acadêmico: diante do medo não se deixar paralisar; perguntar-se quais as probabilidades de êxito no enfrentamento do medo; perguntar-se o que fazer quando não conseguir enfrentar o texto, a fim de fazê-lo e como se preparar para um enfrentamento posterior; mapear tematicamente os textos.

Constatamos que o processo de leitura e construção do conhecimento é subjetivo, depende de estímulos, desejo e vontade. A forma como o sujeito foi formado interfere diretamente nas estratégias que se utiliza na relação com o texto acadêmico.

Conforme vimos nas falas dos sujeitos pesquisados existem inúmeras dificuldades e estratégias de leitura, que funcionam para uns e para outros não.

É preciso que cada qual elabore reflexões sobre os seus processos de aprendizagem, de leitura, de escrita e de construção do conhecimento. À escola cabe uma revisão dos seus modos de ensinar e deve estimular seus alunos a refletirem sobre a sua aprendizagem,

valorizando as capacidades intelectuais individuais. A escola não deve considerar apenas os fatores cognitivos e motivacionais, mas e, principalmente, os fatores metacognitivos para a aprendizagem.

Referências

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade:** e outros escritos. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. **Professora sim, tia não:** cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 2006.

_____; GUIMARÃES, Sérgio. **Sobre Educação:** diálogos. v. 2. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

RIBEIRO, Célia. Metacognição: um apoio ao processo de aprendizagem. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2003. 109-116. Disponível em: www.scielo.br/pdf/prc/v16n1/16802.pdf. Acesso em 18-abr-2013.